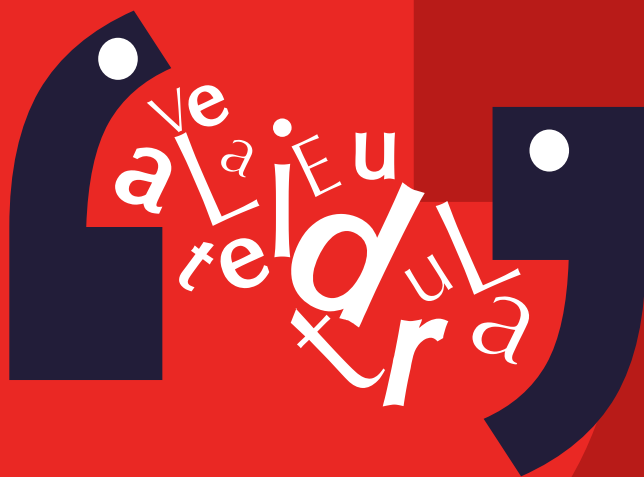


Luís Augusto Fischer e Marta Orofino
Organizadores

LITERATURA NA VIDA

Experiências de ler e escrever
na Educação e na Saúde




UFRGS
EDITORA

LITERATURA NA VIDA



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora e Pró-Reitora
de Coordenação Acadêmica

Jane Fraga Tutikian

EDITORA DA UFRGS

Diretor

Alex Niche Teixeira

Conselho Editorial

Álvaro R. C. Merlo

Augusto Jaeger Junior

Enio Passiani

José Rivair Macedo

Lia Levy

Márcia Ivana de Lima e Silva

Naira Maria Balzaretto

Paulo César Ribeiro Gomes

Rafael Brunhara

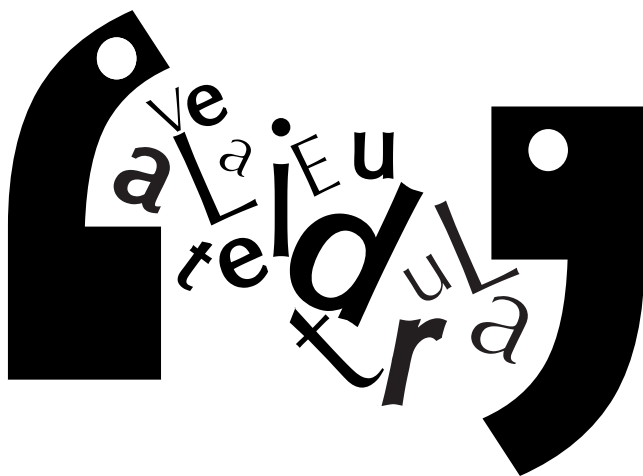
Tania D. M. Salgado

Alex Niche Teixeira, presidente

Luís Augusto Fischer e Marta Orofino
Organizadores

LITERATURA NA VIDA

Experiências de ler e escrever
na Educação e na Saúde



© dos autores
1ª edição: 2020

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Projeto gráfico e editoração eletrônica: Rafael Menezes Luz
Revisão textual: Luís Augusto Fischer
Revisão editorial: Jeferson M. Rocha

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.



L776 Literatura na vida: experiências de ler e escrever na educação e na saúde
 [recurso eletrônico] / organizadores Luís Augusto Fischer e Marta Orofino. –
 Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.

 272 p. : pdf

 1. Literatura. 2. Escrita. 3. Produção escrita. 4. Oficina literária. 5. Lei-
 tura. 6. Formação do leitor. 7. Educação. 8. Saúde. I. Fischer, Luís Augusto.
 II. Orofino, Marta.

CDU 808.1

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-65-5725-016-7

¶ *Leitura em voz alta compartilhada:* a alteridade como espaço de escuta

Luiza Milano

Este texto tem como objetivo refletir sobre a experiência de *Leitura em voz alta compartilhada* que tenho vivenciado nos últimos três anos.¹ Essa atividade foi criada em consequência de uma curiosidade acadêmica acerca do comportamento fônico de uma importante obra da literatura brasileira *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, sobre a qual já tive oportunidade de realizar um registro.²

1 O começo do projeto *Leitura em voz alta compartilhada* se deu com a significativa experiência de partilharmos a voz na leitura do clássico da literatura brasileira *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, realizada no decorrer de 2015. Fruto dessa primeira etapa, nasceu a proposta de, ao longo de 2016, comemorar-se o centenário da publicação do livro que funda a linguística moderna - o *Curso de Linguística Geral* (CLG), de Ferdinand de Saussure. Já em 2017, em função do cinquentenário da importante obra da literatura hispano-americana, *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, foi o livro escolhido. Ainda em 2017, por interesse dos participantes, foi lido mais um livro selecionado pelo grupo - *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar. No quarto ano dessa atividade, foi escolhido um clássico da literatura portuguesa, o *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, leitura iniciada em março de 2018.

2 Conferir Milano (2017).

De lá pra cá, a experiência de leitura coletiva em voz alta tem suscitado efeitos que não se previa. Para além do regozijo com a fruição do aspecto fônico das obras lidas, seguem repercutindo questões que acompanham o tangenciamento entre o texto escrito e sua respectiva oralização. O atravessamento da voz no escrito, os efeitos que a escuta proporciona, o compartilhamento do inusitado e do imprevisto das relações entre forma e sentido que irrompe a cada sessão de leitura convidam a seguir com a reflexão sobre essa singular experiência. Para isso, no presente escrito, realizarei o percurso encadeando noções que estão em cena nas sessões de *Leitura em voz alta compartilhada*, da seguinte maneira: a leitura → a voz → a leitura em voz alta → a escuta → a leitura em voz alta de forma compartilhada.

Antes de iniciar a reflexão em si, cabem alguns esclarecimentos adicionais acerca da atividade que deu origem presente texto. A *Leitura em voz alta compartilhada* é uma atividade de extensão³ que coordeno desde 2015 e que ocorre semanalmente com encontros que tem a duração de aproximadamente duas horas. Trata-se de uma atividade gratuita e aberta a todos os interessados, que tem reunido em torno de quinze a vinte pessoas em um bar da cidade de Porto Alegre.⁴ Há apenas dois pré-requisitos para a participação: que o interessado traga seu exemplar do livro e que empreste a voz.

3 A atividade inicialmente se desenvolveu nas dependências do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde o ano de 2017, com objetivo de estender a um número maior de interessados da comunidade não acadêmica, os encontros passaram a ser realizados em um bar da Cidade Baixa, bairro boêmio da cidade de Porto Alegre.

4 Maiores detalhes sobre o desenvolvimento do projeto *Leitura em voz alta compartilhada* estão disponíveis em: <https://www.ovalordofeminino.com.br/artigo/em-voz-alta>.

Sobre o ler

Entre os leitores frequentes de livros de literatura há uma tendência a conceber o momento de leitura como um ato introspectivo, silencioso, reflexivo. Mesmo que não raro esses leitores valorizem a conversa e/ou discussão sobre a(s) obra(s) lida(s), o hábito da leitura acaba tendo uma conotação quase ritualística de imersão.

A cena do leitor ensimesmado, cabisbaixo, é assim naturalizada e socialmente respeitada. Seria esse um ponto de chegada ou um padrão almejado em relação a uma atitude madura do leitor contumaz? Seria essa a leitura dita erudita ou “correta”? Não necessariamente. É sobre outra(s) possibilidade(s) de leitura que o presente texto propõe pensar a relação do leitor com o livro.

Começo destacando o alerta de Héguez (2017) ao apontar que

[...] em meio à saturação bibliográfica de hoje, o livro deve ser recuperado como ‘alguém’ que se aproxima, como vivência do outro que enriquece nosso monólogo solitário, em uma sociedade que parece condenar ao isolamento. (Héguez, 2017, p. 30, tradução minha)

As palavras da atriz e narradora argentina questionam essa cena solitária da leitura silenciosa com destaque para a problematização a respeito da tendência ao individualismo do sujeito contemporâneo. Conforme ela propõe, para ler um autor é preciso estar disposto a ler-se.

Como se sabe, uma obra sempre permite interpretações várias. Isso, aliás, é constitutivo da natureza heteróclita e multiforme da linguagem, como bem apontou o pai da linguística, Ferdinand de Saussure. Mas a leitura de um texto lite-

rário parece sofrer efeitos deveras interessantes quando ele é atravessado pela voz. Ou por vezes, como é caso da experiência aqui posta em questão. Na situação específica da leitura compartilhada, há, para além do conhecimento sobre a obra que está sendo lida, uma sensação de convivência, de parceria em relação aos múltiplos efeitos de sentido produzidos pelo texto escutado. E isso nos remete a mais uma observação feita por Héguiz (2017): é o vínculo que nos lê. Abordarei essa questão mais adiante, ao analisar o estatuto da alteridade na leitura em voz alta.

Sobre a voz

Na experiência de *Leitura em voz alta compartilhada*, a voz está presente em duas dimensões: na leitura propriamente dita e na conversação que se faz logo a seguir.⁵

No que diz respeito ao momento de leitura, há uma sensação de que a voz atravessa a palavra. Ela rasga, vai além. A peculiaridade da voz de cada integrante faz brotar a partir do livro um texto singular. Mas a voz também já estava lá antes do encontro com a palavra impressa, como grito, como entonação, como pura emoção. E ela se atualiza nas rodadas de leitura sob forma de diferentes ritmos, intensidades, sotaques, fluências, truncamentos. Nas palavras de Jean (2000, p. 81), a voz viva reinventa o texto. Esse autor, um estudioso da modalidade de leituras orais, aponta ainda que a experiência de leitura em voz alta traz à tona uma “voz alta íntima” (Jean, 2000, p. 33), que temos conosco mesmo quando realizamos leituras silenciosas. E, acredito, experimentar essa intimidade alheia contrasta com a voz íntima interior que cada um tem em si.

⁵ Nos encontros de *Leitura em voz alta compartilhada*, a combinação feita é de lermos sem interrupções durante a primeira hora (geralmente, costuma-se passar a voz para o parceiro seguinte a cada parágrafo de leitura). Após, abre-se uma rodada de conversa/comentários absolutamente livre.

Quando a leitura se oraliza, ocorre algo como um despertar da voz. Essa ideia é também defendida por Héguiz.⁶ Segundo a autora, os livros vivem na voz da gente (Héguiz, 2017, p. 25). E não é pouca coisa desfrutar, numa experiência de compartilhamento da voz, desse despertar da voz que atualiza diferentes jeitos de significar de um texto. Assim brotam associações, lembranças, interpretações singulares para cada leitor. Talvez ali também brote algo que Zumthor (2014, p. 58) chama de “nostalgia da voz”. Acredito tratar-se de reminiscências que são evocadas por diferentes vozes produzidas por diferentes corpos que realizam diferentes escutas. Ou seja, o entrelaçamento de corpo, voz e escuta traz consigo experiências multifacetadas em relação a produzir e perceber diferentes vozes.

Nesse sentido, penso a voz como uma extensão do corpo. E que, portanto, pode-se dizer que a gente se mostra ao ler em voz alta. A gente empresta a voz ao texto. Com a voz, mas não só com ela, a gente bota o corpo todo no texto. E, se é o corpo que lê, é ele também responsável por dar corpo – através da voz – ao texto.

A questão é que voz não é só produção de som por parte de um corpo, ou de um aparelho fonador. A voz, essa que atravessa o texto e se constitui como sentido para o outro, é, antes de tudo, efeito. Voz é efeito de escuta no outro. A gente não ouve a voz, o que se ouve é o efeito que uma voz produz em nossa escuta. Sem dúvida alguma, isso traz consequências importantes que devem ser consideradas quando se trata das múltiplas escutas que operam na *Leitura em voz alta compartilhada*.

6 Conforme se pode ler em entrevista dada pela atriz ao suplemento de cultura do jornal argentino *El País*, disponível no link: <https://www.pagina12.com.ar/81657-es-el-vinculo-el-que-nos-lee>.

Sobre ler em voz alta

O hábito de ler em voz alta não é propriamente uma novidade. Ao se conhecer um pouco da história da leitura na cultura ocidental, percebe-se que, em tempos em que poucos eram aqueles que sabiam ler, a leitura oralizada era uma prática habitual que possibilitava o partilhamento/divulgação de textos/informações.

Desde a Grécia antiga, a transmissão do grego clássico (no formato de poemas ou de ensinamentos) era feita por oradores que não liam, pois tinham o texto na memória.⁷ Lembremos que Sócrates, por exemplo, transmitia seus ensinamentos oralmente. Para ele, os livros deveriam ser meros “auxílios” à memória.

Para os romanos, conforme se pode ter uma amostra em *A instituição oratória*, de Quintiliano, essa habilidade demandava treino, pois “é também uma questão de prática já que, enquanto pronunciais aquilo que se segue; e, coisa bem difícil para a atenção do espírito, deve ser partilhada de modo que a voz faça uma coisa e os olhos outra.” (Quintiliano apud Jean, 2000, p.17).

Até o século X, no Ocidente, praticamente não se fazia leitura silenciosa. O hábito da leitura individualizada, portanto, nasce, na Europa, na metade da Idade Média.⁸ Manguel (1997, p. 59) chama a atenção para o fato de Santo Agostinho se surpreender que Santo Ambrósio jamais lesse em voz alta. Segundo Santo Agostinho, Ambrósio “talvez evitasse ler em voz alta, para não ser obrigado por algum ouvinte curioso e atento a explicar alguma passagem difícil do autor, ou a discutir alguma questão por demais complexa.” (Agostinho, 1984, p.143).

7 Igualmente o sânscrito védico, na Índia antiga, era transmitido por uma casta que tinha com função a transmissão da sabedoria no formato oral, ou seja, “tocando a língua de ouvido”.

8 A disseminação da leitura silenciosa propriamente dita na Europa vai se dar apenas no século XVIII. Ainda assim, lia-se em voz alta em saraus, em reuniões familiares, nas sociedades literárias e nos cafés.

Nas Américas, temos notícias de registros de leitura em voz alta nas fábricas de charutos cubanas (sendo que a primeira foi a *El Figaro*, em 1866). Manguel (1997), em *Uma história da leitura*, destaca o quanto essa prática impregnou o fazer dos funcionários das fábricas a ponto de ser “importada” para os Estados Unidos, quando os trabalhadores cubanos para lá migraram. A figura do “lector” realizando leitura socializada enquanto os trabalhadores enrolavam charutos é registrada em depoimentos e imagens dessa época.

Manguel (1997) também fala de suas marcantes recordações pessoais ao ler em voz alta para Jorge Luis Borges, quando esse já estava praticamente cego. Diz Manguel (1997), em seu depoimento:

Eu descobria um texto lendo-o em voz alta, enquanto Borges usava seus ouvidos como outros leitores usam os olhos, para esquadrihar a página em busca de uma palavra, de uma frase, de um parágrafo que confirme alguma lembrança. Enquanto eu lia, ele interrompia, fazendo comentários sobre o texto a fim de (suponho) tomar notas em sua mente. (Manguel, 1997, p. 31)

Nessa experiência, Manguel (1997) comenta que, embora se sentisse no controle do tom e do ritmo da leitura, era, todavia, Borges – o ouvinte – quem, através de interrupções, comentários e manifestações, se tornava o senhor do texto.

Apesar de apresentar significativas diferenças em relação à leitura socializada, há muita semelhança entre nossa vivência e o depoimento de Manguel (1997):

[...] ler em voz alta para ele textos que eu já lera antes modificava aquelas leituras solitárias anteriores, alargava e inundava minha lembrança dos textos, fazia-me perceber o que não percebera então mas que agora parecia recordar, sob o impulso da relação dele. (Manguel, 1997, p. 34)

Pode-se dizer que ler em voz alta é quase um “ativar modo voz alta” que nos espreita sempre que fazemos uma leitura silenciosa. No entanto, ao acionar o “modo voz alta” em uma leitura compartilhada, ativa-se também uma pluralidade de escutas. E isso parece fundamental para arejar interpretações, abrir o texto, e até, quem sabe, libertar-se de modos canônicos de leitura.

Sobre a escuta

Recorro às indagações de Cecília Bajour para avançar na discussão entre o texto, a voz e a escuta:

Ler se parece com escutar? Se assim for, onde a leitura se entremeia com a palavra pronunciada, encarnada numa voz, na própria ou na de outros? E ainda: onde a leitura se toca com a palavra silenciada, não proferida mas dita com os olhos, com gestos, com o corpo, com outros múltiplos signos que criamos para estender pontes do texto ao leitor, do leitor ao texto, de leitor a leitor? (Bajour, 2012, p. 17)

Com essas instigantes perguntas, proponho tangenciar os tênues limites entre oralidade e escrita que surgem quando se pensa nos efeitos da leitura em voz alta.

Na realidade, para Bajour (2012), a escuta se inicia já na seleção dos textos. Quando se pensa na escolha, seja pela especificidade da obra, seja pela importância dela, ou qualquer que seja o motivo que determine a obra a ser lida, há já desde então um elemento percebido e levado em consideração.⁹

9 Na experiência de nosso projeto, as motivações foram distintas a cada obra selecionada. Em *Grande sertão: veredas*, o fator decisivo foi o comportamento fônico da obra. No *Curso de Linguística Geral*, nossa curiosidade girou em torno do fato de essa obra ter sido fruto de aulas dadas por Ferdinand de Saussure (algo como uma tentativa de restituir ao texto sua oralidade de origem). Em *Cem anos de solidão*, nossa decisão foi comemorativa (em função do cinquentenário da obra). Em *Lavoura arcaica*, tínhamos uma preocupação com o curto tempo que teríamos para dar conta da travessia de leitura. Finalmente, para o *Livro do desassossego*, optamos por fazer uma leitura cega (os participantes levaram uma obra previamente escolhida sem revelar autor ou título) de vários textos e decidir, a partir da escuta, pela obra que mais tocasse ao grupo.

A escuta, então, decisiva na seleção do texto, é igualmente determinante quando se fala de interpretação. Ou de interpretações. Afinal, como aponta Bajour, “construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual” (Bajour, 2012, p. 25).

Barthes (1987) fala em prazer do texto. Será que poderíamos falar em prazer da escuta? Em meio a minhas reflexões, deparei-me com o esboço de uma possível resposta, nas palavras de Jean (2000):

Encontramos no passado inúmeros exemplos destas singulares partilhas de prazeres através da leitura em voz alta. E estou convencido de que, nas relações amorosas, conjugais, sensuais ou simplesmente amigáveis, o prazer da leitura em voz alta tem ainda, apesar de toda a instrumentação midiática e informática, um belo futuro. (Jean, 2000, p. 65)

É em Santo Agostinho (1984, p. 303-304) que se encontra a expressão “tentações do ouvido”, alertando que os prazeres do ouvido prendem e escravizam. A audição, para além de um ato fisiológico, confere sentido. Nesse caso já estamos falando do efeito que a audição provoca, estamos falando de escuta. Nessa direção, a experiência da leitura em voz alta tem mostrado que o leitor não lê para si próprio, mas para o ouvinte. Segundo Jean (2000, p. 32), “o leitor é um instrumento ao serviço do escrito ou do escritor”. E eu ousaria dizer que o leitor, e especificamente o leitor que se propõe a ler em voz alta em grupo, torna-se quase escravo do(s) ouvinte(s)!

Bajour (2012, p. 73) utiliza o neologismo “metaescuta”, para falar na função do “escutador”, do modo como os outros escutam. Parece, então, na experiência da *Leitura em voz alta compartilhada*, haver dois processos em andamento na mesma

cena: a escuta/deslocamento dos possíveis sentidos dados ao texto lido através da performance de diferentes vozes (de diferentes leitores) e a escuta sobre a escuta dos outros, um momento de se deixar tocar pelo efeito da leitura que o outro, diferente de mim, faz. Uma repercute diretamente no momento em que o texto é lido, outra segue ecoando nas interpretações que dele se faz quando se abre a roda de conversa sobre o trecho lido.

No entanto, nem tudo é fácil de compartilhar. Por esse motivo, não parece descabido lembrar as instigantes palavras de Manguel (1997) a propósito da escuta da leitura literária:

[...] a cerimônia de ouvir alguém ler sem dúvida priva o ouvinte de um pouco de liberdade inerente ao ato de ler - escolher um tom, sublinhar um ponto, retornar às passagens preferidas -, mas também dá ao texto versátil uma identidade respeitável, um sentido de unidade no tempo e uma existência no espaço que ele raramente tem nas mãos volúveis de um leitor solitário. (Manguel, 1997, p. 147)

Ou seja, a leitura em voz alta coloca-nos num limite entre o individual e o compartilhado que nem sempre nos é espontâneo ou confortável.

Além disso, parece-me que, em tempos em que a imagem e a virtualidade dominam, ler em voz alta, parar para escutar o outro, é, no mínimo, uma ocorrência singular. Nas rodadas de leitura que realizamos, percebo que escutar é emprestar o ouvido à voz do outro. E essa é uma experiência que demanda lidar com a alteridade. O outro – e mais especificamente a escuta do outro – é condição para que se construam as múltiplas possibilidades de interpretação de uma obra na (ou através da) leitura/escuta compartilhada.

Sobre a *Leitura em voz alta compartilhada*

As palavras de Jean (2000) sobre a leitura em voz alta inspiram e renovam os horizontes da experiência que venho tendo com essa atividade:

Ler em voz alta é, além disso, um prazer para o leitor e para aqueles que o escutam; prazer sutil de dar a entender o texto de que se gosta, e para os ouvintes, prazer de povoar de sonhos e de conotações pessoais o texto compreendido; mais intimamente ainda o prazer de saber que esta leitura assim iniciada terá no acto íntimo de ler com os olhos, para si, uma música secreta que o acompanhará. (Jean, 2000, p. 19-20)

Tudo parece indicar que Santo Agostinho (1984) tinha razão em alertar sobre os riscos e tentações do prazer da escuta!

A *Leitura em voz alta compartilhada* faz disparar em cada um deslocamento de sentido em relação à obra lida. Em nossa experiência, percebo que o que essa vivência promove não é uma busca de uma “leitura adequada” ou de uma “ajuda na compreensão” do cânone, como se poderia pensar, a partir de um viés academicista ou unidirecional. Justamente em direção oposta, o que acontece na leitura compartilhada é propiciar o encontro com o imprevisível, com o inusitado. As múltiplas interpretações que brotam se dão a partir do efeito que a escuta do texto na voz do outro evoca. É impressionante o quanto uma entonação mais enfática, uma mudança de sílaba tônica, uma substituição de vogal aberta por fechada, um alongamento vocálico ou consonantal, a substituição de uma palavra por um sinônimo ou antônimo ou um tropeço em uma palavra foneticamente complexa podem repercutir numa significativa mudança de interpretação que se tem do texto lido. Talvez essa sensação produzida pela escuta compartilhada se aproxime daquilo que Jean (2000, p. 72) chama de “sublinhar com a voz”.

No entanto, meu objetivo não é o de recomendar a atividade de leitura em voz alta como panaceia ou como prescrição generalizada. É sempre importante lembrar que há situações em que a angústia, a imposição, a timidez ou até mesmo a fobia contraindiquem uma exposição pública forçada do leitor. Nesse sentido, Manguel (1997) é taxativo ao evocar o contraste entre o aspecto privado e o público do ato de ler. Segundo o autor,

[O]uivir alguém ler com o propósito de purificar o corpo, por prazer, para instrução ou para dar aos sons supremacia sobre o sentido, ao mesmo tempo enriquece e empobrece o ato de ler. Permitir que alguém pronuncie as palavras de uma página para nós é uma experiência muito menos pessoal do que segurar o livro e seguir o dedo com nossos próprios olhos. Render-se à voz do leitor – exceto quando a personalidade do ouvinte é dominadora – retira nossa capacidade de estabelecer um certo ritmo para o livro, um tom, uma entonação que é exclusiva de cada um. O ouvido é condenado à língua de outra pessoa. (Manguel, 1997, p. 146)

Como se pode ver nas palavras de Manguel (1997), a experiência de leitura em voz alta traz à tona um conjunto de variáveis que deve ser levado em consideração em relação aos objetivos da atividade em cada situação.

Na experiência que aqui relato o objetivo é justamente o de compartilhar. Nesse sentido, a proposta se aproxima daquilo que aponta Jean (2000, p. 67): “a leitura em voz alta é fonte disparadora de diálogo”. Este autor, ao citar o estudo de Roger Chartier sobre as várias utilizações da leitura em voz alta (na França antiga), aponta o formato “confraria” ou “clube de leitura” (Jean, 2000, p. 137). É nesse contexto que tenho entendido o interesse comum dos participantes da *Leitura em voz alta compartilhada*.

E é no compartilhar voz e escuta em uma espécie de confraria que a alteridade se apresenta como condição. Alteridade em

muitas dimensões: em relação ao autor, à obra, à escuta, aos parceiros de leitura, às diferentes interpretações que brotam. Como aponta Svenbro (1988),

[...] no momento da leitura, o leitor cede a sua voz ao escrito, ao escritor ausente. O que significa que a sua voz não lhe pertence durante a leitura. No momento em que ela reanima a letra morta, ela pertence ao escrito (ao escritor) para que o texto possa adquirir corpo, corpo sonoro. (Svenbro, 1988 apud Jean, 2000, p. 33)

Vai também nessa direção a opinião de Alejandro Parada, do Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas de la Facultad de Filosofía y Letras da la Universidad de Buenos Aires. Segundo Parada (2017), essa escuta-alteridade, ou som da alteridade, configura um reconhecimento do outro. São vozes que vêm de fora, mas que constituem um modo de ouvir que coloca a interpretação das relações entre forma e sentido na dependência de uma escuta coletiva. Parada diz que há uma espécie de livro biológico e fisiológico (representado pela memória, pelas pregas vocais e pela vibração física do ar) que se potencializa no ser humano ao transmitir suas experiências e saberes através de sua voz e corpo como um “livro oral” (Parada apud Frieria, 2017).

Essa escuta coletiva talvez tenha potencial para um alcance ainda maior, como aponta Héguiz (2017),

[...] uma tradição que funda e articula nossa existência na alteridade e na oralidade da leitura e da narração social. Falamos de uma nova tradição reconfigurada em uma experiência existencial da vida que se mostra passional e emotivamente na leitura. Uma espécie de rebelião pacífica pelo ‘som e a fúria’ que advém como um modo de ler diferente mas profundamente humano. (Héguiz, 2017, tradução minha)

Pra finalizar, destaco uma bela e tocante passagem do livro de Jean (2000), que tanto me inspirou no percurso de escrita desse texto:

[...] esta leitura que leva cada leitor “ouvinte” a olhar os textos que ouve para os ter consigo, em si. Texto esse que talvez ele não tivesse vontade de ler se não o tivesse ouvido elevarem-no através de “vozes leitoras” que soubessem, no respeito infinitamente modulado dos textos, propô-los ao desejo tal como eles são, prontos a encarnar em cada um. (Jean, 2000, p. 73)

A experiência desses três anos de leitura em voz alta tem mostrado que o compartilhamento da voz e da escuta com o outro não é um detalhe nos dias de hoje. Sem temer o risco do exagero, eu diria que a *Leitura em voz alta compartilhada* é quase um gesto de resistência ao ritmo louco e apressado que nos impede de construir redes. O que percebo é que temos vivenciado o compartilhamento da voz e da escuta de forma solidária, e isso expande uma necessidade de se estar junto para prosseguir na travessia. Além disso, escutar o outro tem significado também ser suporte para que a voz dele tenha tanto espaço de escuta quanto a minha, ou seja, creio que essa construção coletiva de interpretação de uma obra literária funciona também uma metáfora de um jeito menos individualista de se estar no mundo.



¶ Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas – o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987. Tradução J. Guinsburg.

FRIERA, Silvana. "Es el vínculo el pue nos lee". Pagina12, Buenos Aires, 10 de outubro de 2017. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/81657-es-el-vinculo-el-que-nos-lee>. Acesso em: 21 de outubro de 2014.

HÉGUIZ, María. *Laboratorio de lectura y narración social*. Pedagogía del libro. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2017.

JEAN, Georges. *A leitura em voz alta*. Tradução: Isabel Andrade. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2000.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras 1997.

MILANO, Luiza. O sertão em voz alta. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 74, p. 31-39, maio/ago. 2017.

SVENBRO, Jasper. *Prasikleia, Anthropologie de la lecture dans la Grèce antique*. Tradução: Clarie Maniez. Paris: Éditions La Découverte, 1988.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. 1. ed. portátil. São Paulo: Cosac Naify, 2014.